

## DOSSIÊ – GÊNERO, SEXUALIDADES, POLÍTICA E EDUCAÇÃO

### APRESENTAÇÃO

O dossiê “Gênero, Sexualidades, Política e Educação”, que integra este número da Revista Interinstitucional Artes de Educar, traz artigos que discutem a temática do gênero e das sexualidades no campo da educação e áreas afins, considerando-se as macro e micropolíticas atuais. Reunimos aqui debates e produções que politizam essa temática, que apresentam abordagens críticas, em um momento em que a política institucional brasileira vem abordando essas pautas sob perspectivas cada vez mais moralizantes e normativas. Os trabalhos que compõem este dossiê articulam discussões teóricas no campo dos estudos de gênero e sexualidades, com material de campo produzido em diferentes contextos de atuação e pesquisa. Tendo como mote a educação, o dossiê lança perspectivas diversas sobre o momento político que vivemos.

Entendemos que divulgar o resultado de estudos, relatos de experiências e pesquisas sobre gênero e sexualidades torna-se cada vez mais importante no contexto atual, no qual presenciamos políticas públicas extremamente conservadoras impactando as práticas sociais tecidas pelos movimentos feministas e pelas comunidades de pessoas LGBTIS (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Intersexuais e Simpatizantes). Os espaços decisórios da política institucional têm sido ocupados por políticos que assumem discursos extremamente conservadores, com pautas fundamentalistas e reacionárias, promovendo uma série de retrocessos nos direitos conquistados por mulheres, pessoas negras e indígenas, pessoas LGBTIS, jovens e demais grupos minoritários. Esse esgarçamento das garantias de direitos tem produzido efeitos complexos e excludentes nos diferentes campos da sociedade brasileira. No que se refere ao campo da educação, temos visto esses ataques sendo organizado pelos movimentos ultraconservadores, pela enunciação dos “riscos” da chamada “ideologia de gênero”. Esse termo, cunhado por setores religiosos e ultraconservadores na década de 1990, tem sido usado para indicar uma pretensa doutrinação de estudantes por seus e suas professorxs, supondo que crianças e adolescentes seriam sujeitos passivos e moldáveis, sem subjetividade, olhar crítico, desejos ou vivências próprias. Desconsiderando todo o acúmulo dos estudos de gênero e sexualidades, bem como das teorias feministas e dos movimentos LGBTIS, o termo

“ideologia de gênero” nomeia, em uma leitura reducionista e pejorativa, discussões bastante diversas sobre a necessidade de desnaturalizarmos e desessencializarmos desigualdades e opressões com base nas hierarquias de gênero e sexualidades que se dão nas escolas.

Esse movimento reacionário, que ganha fôlego hoje no país, torna-se mais preocupante quando nos voltamos para a realidade das escolas e da educação pública brasileiras, e identificamos que crianças e jovens têm sido expostos a violências de gênero e LGBTifóbicas, recorrentemente respaldadas ou invisibilizadas pelas comunidades escolares. Os retrocessos no campo político institucional contribuem para que essas situações não sejam enfrentadas com a criticidade e atenção necessárias. Nesse panorama, práticas abalizadas no pensamento conservador, produto de um discurso patriarcal hegemônico, preconizam a heterossexualidade como a norma metro-padrão do comportamento sexual. Esse discurso está promovendo e intensificando o preconceito contra mulheres e pessoas LGBTIS, transformando-se, portanto, num instrumento de conservação das hierarquias sociais, morais e políticas, e induzindo às inferiorizações e discriminações tão presentes nos cotidianos escolares, levando assim muitos estudantes a sofrerem violências e processos de exclusão escolar e social a partir de situações de subalternidade.

Entretanto, é também nesses espaços cotidianos de educação que vemos surgir e se manter potentes diversas práticas de resistência e de desestabilização da cisheteronormatividade, entre estudantes e docentes. Além disso, pesquisadorxs de gênero e sexualidades têm produzido importantes reflexões sobre o atual contexto brasileiro, pensando os desafios e as experiências locais que vêm se articulando às tessituras identitárias de sujeitos nos espaços educacionais, levando a novas formas de existir e resistir nos vários espaços e tempos cotidianos. É sobre essas experiências que os artigos que compõem este dossiê versam. Os trabalhos que integram este número especial dialogam, a partir de referenciais nacionais e internacionais dos estudos de gênero e sexualidade, perspectivas e práticas críticas que desnaturalizam fazeres e categorias em diferentes contextos educacionais e sociais.

Este Dossiê inicia com o artigo “Crianças bichas demasiadamente fabulosas” de autoria de Alexandro Rodrigues, Steferson Zanoni Roseiro, Jésio Zamboni, Castiel Vitorino Brasileiro e Mariamma Fonseca Santana. Xs autorxs o apresentam a partir de três fábulas, tendo como objetivo trabalhar a vida bicha, alertando que o presente texto não tem objetivos bem definidos ou mesmo regras de leitura, mas, antes, nuances de corpos e possibilidades de existência. Indicam que o mesmo pode ser lido começando pelo meio ou por uma das extremidades.

Contudo, há três fábulas e um aviso para umx leitorx desavisadx, e, em todas as partes, encontram-se bichas, corpos demoníacos, reinos fugidios e vidas comunitárias.

No artigo “Conta-me sua história ainda que não seja a única verdade: a invenção de si e as trajetórias escolares”, Marcio Rodrigo Caetano e Paulo Melgaço Silva Junior apresentam as trajetórias de três professorxs que transitam pelo que os autores conceituaram como “ilegibilidade sexual”, isto é, não se enquadram em expectativas identitárias heteronormativas. Utilizando-se das narrativas de si como metodologia, o artigo acompanha as construções sobre si dessxs três sujeitos, refletindo sobre seus fazeres escolares e pondo em questão perspectivas unívocas de identidade ao pensar o corpo como suporte criativo para processos performativos que tensionam os limites do gênero e das sexualidades.

Já o artigo “Sexo-política, escolas e psicologia: pela produção de narrativas que assobrem”, de Marcelo Santana Ferreira, apresenta uma defesa do estatuto político da experiência da infância, relacionando-o com o conceito de sexo-política, proposto por Paul Beatriz Preciado, no esforço de legitimar práticas de produção de narrativas que não acatem o silenciamento de experiências dissidentes. Procura defender uma posição contemporânea da Psicologia em contextos educacionais em que os temas do gênero e da sexualidade se apresentam como determinantes na definição da experiência da infância e da juventude. Trata-se de artigo que não apenas caracteriza um determinado campo conceitual, como também se articula de forma propositiva.

A masturbação infantil entra em foco no artigo “Sexualidade, brincadeira e escola no processo de normalização da infância”, de autoria de Luan Carpes Barros Cassal e Cristiana de França Chiaradia. Traçando um percurso teórico que evidencia como a masturbação tem sido regulada e vigiada nas escolas modernas. Os autorxs situam sua análise no atual contexto de conservadorismo político brasileiro, e convidam xs leitorxs a pensar a masturbação infantil em sua dimensão lúdica, como uma brincadeira por meio da qual a criança está também interagindo corporalmente com a instituição escolar e suas normatividades. Nesse sentido, propõem uma discussão que tensiona a produção de modos normalizados de existência na escola, convidando ao debate e à reflexão.

Em “Militância visual para além da passividade: artistas, viadas, mulheres e demais alteridades botando a cara no sol!”, de Rodrigo Torres do Nascimento, Aldo Victorio Filho e Pâmela Souza da Silva, temos um artigo resultante de uma pesquisa que se referencia em duas personagens do meio artístico popular, a performer, cantora e dançarina Inês Brasil e o grupo musical Bonde das Bonecas. Ambas assumem visualidades incontestáveis viés político. Há uma

afirmação pública e poética de estéticas comumente rejeitadas pelos critérios hegemônicos de gosto e beleza. Embora o tema em questão envolva o campo da Estética, estabelecendo interseção com teorias como a Teoria do Gosto, Teoria da Beleza e Filosofia da Arte, as autorxs enfatizam que a potência estética dos trabalhos não teve como foco deflagrar, classificar ou discutir as qualidades ou localização das produções de Inês e do Bonde no campo da Arte, mas sim os aspectos relacionados ao gosto e à beleza como instâncias de tensão política, e nesse sentido sim centrais à discussão proposta.

Os atravessamentos sócio-históricos no debate sobre gênero são tematizados no artigo “A questão de gênero na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul: um olhar sobre o estágio de vivência”, escrito por Mariana Barbosa de Souza, Cristina Luisa Bencke Vergutz e João Paulo Reis Costa. O texto discute a experiência do Estágio Vivência na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, a partir dos relatos das estagiárias participantes do programa, que fizeram intercâmbios com as famílias participantes. Na discussão de suas falas, são analisadas as hierarquias de gênero que atravessam essa experiência, demarcando lugares de desigualdade entre moças e rapazes, mas também os efeitos empoderadores que o Estágio Vivência teve para as estagiárias participantes.

No artigo “Gênero, mídia e educação: diálogos na infância e na pré-adolescência”, Tuany de Menezes Oliveira, Paula Teixeira Araujo e Luís Paulo de Carvalho Piassi refletem sobre a utilização de produtos midiáticos como porta de entrada para o diálogo sobre relações de gênero com crianças e pré-adolescentes, a partir dos resultados de atividades realizadas em escolas públicas de São Paulo. As intervenções foram formuladas e realizadas pelo grupo E.M.M.A. (Estudos sobre a Mulher e as Minorias na Arte-Ciência), do projeto Banca da Ciência. Após reflexões teóricas e intervenções, as autorxs concluem que é possível utilizar produtos midiáticos como porta de entrada para o diálogo sobre relações de gênero e que, a partir das representações das identidades femininas que estão presentes nessas mídias, pode-se discutir diversos temas relacionados à questão do sexo, do gênero, da orientação sexual e das identidades de forma didática e lúdica.

Neilton dos Reis discute, em seu artigo “Apesar de tudo, nós estamos aqui pra fazer a diferença: gênero, sexualidade e movimentação estudantil”, as questões de gênero e sexualidade presentes nas experiências de jovens estudantes nos movimentos de ocupação das escolas no Estado do Rio de Janeiro, que, com suas ações de tomada do espaço escolar, pautaram sentidos outros, de coletividade e horizontalidade, desafiando as lógicas adultocêntricas de ordenação da escola. A partir de seu campo, realizado com secundaristas, o autor reflete sobre o protagonismo

dxs estudantes na introdução de debates sobre gênero e sexualidade nas escolas, em suas práticas cotidianas.

Em “Diálogos sobre escola e diferença: uma perspectiva interseccional sobre o cotidiano escolar”, Daniel Vieira Silva pensa os limites e possibilidades da escola no combate às violências (re)produzidas a partir de noções de diferença. Em meio a violências e resistências, o espaço escolar é colocado como lugar onde a teia do poder cria embaraços e caminhos. Assim, Silva utiliza como local de partida olhares trazidos por professoras que foram alunas do curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE/UFRJ – 2014), levantando questões que desejam desafiar os olhares dicotômicos, que ora colocam a escola como espaço de manutenção e reprodução de opressões, ora como espaço de superação dos preconceitos e de possibilidade de construção de uma sociedade mais justa. Para tanto, o autor propõe que a escola seja tudo isso, em relações que se mostram complexas e contraditórias. Partindo dos relatos dessas professoras para analisar as relações de gênero e sexualidade, em diálogo com conceitos outros que também se debatem sob o guarda-chuva da diversidade, tais como raça, classe e local de moradia, busca compreender de que formas se articulam produzindo tipos diversos de exclusão, marginalização, mas também de possibilidades e agências.

As relações de gênero – e de poder – que atravessam as experiências escolares também são discutidas no artigo “Contribuições do pensamento feminista para uma explicação localizada da educação e da aprendizagem”, de Etiane Araldi. Em seu trabalho, a autora parte de falas de estudantes secundaristas durante as ocupações de escolas no Rio de Janeiro, em 2016, para pensar as questões de gênero que se fizeram presentes nos cotidianos de seus e suas participantes. O artigo propõe uma discussão mais ampla de questões do campo da aprendizagem e do desenvolvimento ao analisar as falas das secundaristas a partir de autoras feministas e de autorxs críticxs às narrativas universalizantes. Pensando a ação coletiva que fora praticada por essxs estudantes nas ocupações, a autora nos convida a refletir, por um olhar feminista, a potencialidade das articulações entre mulheres nesses movimentos.

Além dos artigos que compõem este Dossiê, este volume da “Revista Interinstitucional Artes de Educar” conta ainda com um artigo, um relato de experiência, uma resenha e uma entrevista.

O artigo “Sobre artesanaria e currículos *pensadospraticados*: quando tudo foge a norma” de Rafael Marques Gonçalves tem como proposta apresentar parte de uma pesquisa de doutorado, que entende que, por meio de conversas, pode-se aprender a compreender o cotidiano pesquisado. As ações investigativas são desenvolvidas na perspectiva das pesquisas nos/dos/com

o cotidiano, lançando mão de conversas realizadas com um grupo de professoras. Com esse diálogo buscou-se identificar as diferentes formas de *percebersentir* as realidades sociais, considerando sua complexidade e dos inúmeros (des)encontros entre o falado, o percebido e o praticado. O recorte realizado diz respeito ao que as professoras fazem em seus cotidianos, ou seja, seus modos de fazer e as propostas que as orientam, incluindo os materiais didáticos que recebem. Assim, ao compreender as *bricolagens praticadas* nos cotidianos das escolas, percebe-se como os processos de criação curricular trazem à tona o uso das regras e produtos que foram dados para consumo das professoras inscritas como autoras, como criadoras de currículos *pensadospraticados* nas relações *politicopráticas* que tecem e atuam cotidianamente nos seus *espaçostempos*.

O relato de experiência intitulado “Mulheres de atitude, mulheres que ocupam: relato de uma experiência artística”, escrito por Juliana de Lima Veloso, compartilha com xs leitorxs o processo criativo de um projeto no campo das artes visuais, que culminou com uma ocupação artística na Universidade Federal do ABC. O projeto tematizou a imagem e o lugar da mulher nas produções das artes visuais e discutiu com as participantes, por meio de produções artísticas, o corpo e os fazeres das mulheres nesse campo, visibilizando tensões e silenciamentos do feminino.

A resenha do livro de Margaret McLaren, “Foucault, Feminismo e Subjetividade”, publicado pela editora Intermeios, em 2016, foi elaborada por Bruno Pessoa Villela, que enfatiza ser o referido livro uma inestimável contribuição aos estudos feministas e foucaultianos, por sua representação de um relato completo da interação dos teóricos feministas com Foucault no final da década de 1990. Segundo Villela, Margaret McLaren afirma com razão que nenhum único filósofo desde Marx conquistou tanta atenção das feministas e dos trabalhos feministas recentes, como Michel Foucault, o que evidencia a importância da compreensão da obra do autor francês, bem como suas contribuições para os diversos feminismos.

A entrevista com o Professor Doutor James Green, brasileiro e militante gay, desenvolvida por Denize Sepulveda e Lúcia Velloso Mauricio, aborda a luta dele no Brasil durante a ditadura militar nos anos de 1970. Trata também sobre questões atuais da política brasileira e sobre os retrocessos dessa política com os direitos da população LGBTI. Finaliza com o entrevistado explicando a pesquisa que realizou sobre Herbert Daniel, ativista gay pioneiro na luta contra a Aids no Brasil. Essa pesquisa virou um livro, que em breve será publicado.

---

Convidamos a todos para mergulhar na leitura dos textos aqui reunidos, pois são temáticas potentes e experiências plurais que merecem apreciação!

***Denize Sepulveda e Amana Mattos***

Editoras do Dossiê